



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS IV – CATOLÉ DO ROCHA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E ÁGRARIAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA E LETRAS**

JAMILE PEREIRA DOS SANTOS BEZERRA

TRISTEZA, MEDO E SOLIDÃO EM CARLINHOS, DE *MENINO DE ENGENHO*

**CATOLÉ DO ROCHA
2014**

JAMILE PEREIRA DOS SANTOS BEZERRA

TRISTEZA, MEDO E SOLIDÃO EM CARLINHOS, DE *MENINO DE ENGENHO*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vaneide Lima Silva.

**CATOLÉ DO ROCHA
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B574t Bezerra, Jamile Pereira dos Santos
Tristeza, medo e solidão em Carlinhos, de Menino de Engenho [manuscrito] : / Jamile Pereira dos Santos Bezerra. - 2014.
25 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2014.
"Orientação: Profa. Dra.Vaneide Lima Silva, Departamento de Letras e Humanidades".

1. Tristeza. 2.Personagem 3. Infância I. Título.

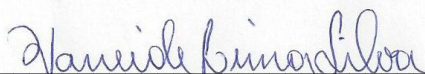
21. ed. CDD 869

JAMILE PEREIRA DOS SANTOS BEZERRA


TRISTEZA, MEDO E SOLIDÃO EM CARLINHOS, DE *MENINO DE ENGENHO*

Aprovada em: 26/11/2014.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Vaneide Lima Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Marta Lúcia Nunes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Doralice de Freitas Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai (em memória) pela dedicação enquanto fostes vivo e pela imensa saudade que sinto, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me guiado e me abençoado durante todo o curso e toda minha vida;

A minha professora e orientadora Vaneide Lima, por sua disciplina e sabedoria no desenvolvimento deste trabalho;

Aos meus pais, Geraldo Pereira Ramos (em memória) e Jaides Linhares do Santos Ramos, por terem me educado, me ensinado o valor dos estudos e por me darem sempre apoio e coragem para enfrentar o dia-a-dia.

Ao meu marido Ronielton da Silva Bezerra, pela paciência, pelo incentivo e por estar ao meu lado todos os dias.

Aos meus irmãos Jaqueline dos Santos Pereira e Jaelson dos Santos Pereira, pelo companheirismo e pelo amor a mim oferecidos.

A professora Marta Lúcia Nunes pela dedicação durante todo o curso e por acreditar na minha capacidade de exercer a profissão.

Aos meus colegas de classe Nyanne, Jéssica, Raízila e em especial a Dalteir, por me ajudar desde o primeiro dia de aula.

Aos meus sogros, avós, tios e demais familiares que me ajudaram diretamente ou indiretamente nessa etapa tão importante de minha vida.

A morte de minha mãe me encheu a vida
inteira de uma melancolia desesperada.

José Lins do Rego

TRISTEZA, MEDO E SOLIDÃO EM CARLINHOS NA OBRA “MENINO DE ENGENHO” DE JOSÉ LINS DO REGO

Jamile Pereira Dos Santos Bezerra*

RESUMO

O romance *Menino de Engenho* (1932), de José Lins do Rego, é considerado uma das obras representativas que iniciam o ciclo da cana-de-açúcar na obra do escritor paraibano de Pilar, cuja produção literária é fundamental no conjunto do romance regionalista brasileiro. A leitura de *Menino de engenho* em um dos componentes do Curso de Letras suscitou o interesse pela realização do estudo dessa obra, procurando observar mais detidamente a construção do protagonista do romance. Objetivamos, assim, analisar o romance, mostrando a tristeza, os medos e a solidão presentes em Carlinhos, que pode ser apontado como um personagem cheio de conflitos e marcado por perdas vivenciadas desde sua infância, que o transformam num menino triste e melancólico. Para o desenvolvimento do trabalho, foram de fundamental importância a contribuição de autores como Bosi (2006), Castello (2001), Kovács (2008), Gancho (2002), dentre outros.

Palavras chaves: tristeza; personagem; infância

INTRODUÇÃO

Escrita durante o período das fazendas de engenho, no interior do nordeste paraibano, o romance *Menino de Engenho* retrata as relações sociais, o poder econômico da fazenda de engenho, a figura quase heroica dos coronéis na época da escravidão e das fazendas de engenhos e as credices populares, caracterizando assim, o período.

Menino de Engenho é narrado em primeira pessoa por um narrador personagem e também protagonista do enredo: Carlinhos. O tempo em que a história se passa é cronológico, pois os acontecimentos começam quando o personagem principal tem quatro anos de idade e termina quando o mesmo completa doze anos, transcorrendo 08 anos.

* Aluna de Graduação em Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV.
Email: jamile_ronieliton@hotmail.com

O romance narra a infância de Carlinhos, que aos quatro anos perdeu sua mãe Clarice, assassinada pelo marido, o pai do menino. Depois da tragédia, Carlinhos foi levado para morar com seu avô materno, o coronel José Paulino e com alguns tios. Entre eles, a Tia Maria, que era a irmã mais nova de sua mãe, uma mulher doce e que era muito cuidadosa com o menino, tornando-se para ele uma espécie de segunda mãe.

Mesmo com esse cuidado, o protagonista nunca esqueceu o trauma sofrido e recorria sempre à memória, com lembranças que o deixava sempre triste e solitário. Durante sua infância, Carlinhos também sofreu de puxado, uma doença que o deixava sem fôlego, obrigando-lhe a ficar em casa sem poder sair para brincar com os primos e com as outras crianças que viviam na fazenda.

Carlinhos teve sua primeira paixão aos oito anos, com a mulher do seu professor, a Judite. Mais tarde se apaixona novamente pela prima Maria Clara e aos doze anos teve sua primeira relação sexual com Zefa Cajá, uma negra, que era conhecida entre os homens do engenho por suas conversas e atitudes “erradas”.

Essas antecipações em relação ao amor e ao sexo trouxeram para Carlinhos uma doença sexualmente transmissível, que transformara de vez a infância do personagem. A história termina com a ida de Carlinhos para um colégio interno.

Objetivando analisar o personagem protagonista neste romance de José Lins do Rego, estruturamos o estudo em três momentos: no primeiro, retomamos algumas considerações críticas sobre José Lins do Rego, levantando características de suas obras e ressaltando sua importância para a literatura brasileira.

No segundo momento, reafirmamos a importância do romance *Menino de Engenho* como obra que integra o ciclo da cana – de – açúcar, a qual é considerada como obra inaugural desse ciclo e ponto de partida para os outros romances que se surgiram ao *Menino de Engenho*.

O terceiro e último momento é dedicado ao estudo específico do protagonista da obra. Para tanto, retomamos algumas considerações em torno do personagem enquanto elemento que estrutura a narrativa, para posteriormente caracterizar Carlinhos.

2 SOBRE A OBRA DE JOSÉ LINS DO REGO: algumas considerações críticas

José Lins do Rego nasceu no dia 3 de junho de 1901 na cidade de Pilar, interior da Paraíba e faleceu em 1957 na cidade do Rio de Janeiro. Seus pais foram João do Rego Cavalcanti Sobrinho e Amélia Lins Cavalcanti de Albuquerque (morta pelo marido). Depois da morte da mãe, José Lins foi morar no engenho corredor com seu avô materno, onde passou toda a infância e o início da adolescência.

José Lins do Rego foi um escritor brasileiro que juntamente com Graciliano Ramos, Érico Veríssimo e Jorge Amado, representa um dos mais importantes romancistas regionalistas para a literatura brasileira. Em 1932, publicou seu primeiro livro *Menino de Engenho*, que recebeu críticas favoráveis e tornou-se um grande sucesso, sendo premiado pela fundação Graça Aranha e em 1956 foi eleito membro da academia de Letras. Sua principais obras foram, além de *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936), *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938), *Riacho Doce* (1939), *Fogo Morto* (1943), *Eurídice* (1947), *Cangaceiros* (1953), *Gordos e Magros* (1942), *Poesia e vida* (1945), *Homens, seres e coisas* (1952), *A casa e o homem* (1954), *Meus Verdes Anos* (1956), *O vulcão e a fonte* (1958) e *Dias idos e vividos* (1981).

De acordo com Bosi (2006, p. 397): “A região canavieira da Paraíba e de Pernambuco em período de transição do engenho para a usina, encontrou no ciclo da “cana de açúcar” de José Lins do Rego, a sua mais alta expressão literária”. Podemos deduzir então que o mundo rural do nordeste, com as fazendas, as senzalas e os engenhos, serviu de inspiração para as obras do autor, que se tornou um marco na história da literatura regionalista, por representar, ainda segundo Bosi, o declínio dos engenhos de cana- de- açúcar nas suas primeiras obras.

O autor passou toda a infância em meio a realidade dos engenhos de cana. Relatou as próprias experiências na maioria de suas obras, apelando constantemente para as recordações da infância, recorrendo assim à memória, como assegura Castelo (2001, p. 101): “A obra de José Lins do Rego realizou-se, pois, substancialmente presa à memória e à região em que ele viveu os anos fundamentais de formação”.

José Lins do Rego se destaca na segunda fase do modernismo brasileiro (1930-1945), mais conhecida como “geração de 30”, que foi marcada pelo espírito construtivo, pelo desenvolvimento do romance regionalista, e se configura como um

veículo de denúncia, uma espécie de literatura de protesto, mostrando a relação do homem com o meio social. Para Bosi (2006, p.392): “Nessa perspectiva, poderíamos distribuir o romance brasileiro moderno de 30 para cá, pelo menos, quatro tendências, seguindo o grau crescente de tensão entre o “herói” e o seu mundo”.

Essas quatro tendências são: romances de tensão mínima, onde as personagens não se destacam visceralmente da estrutura e da paisagem que as condicionam. Romances de tensão crítica, em que o herói opõe-se e resiste agonicamente às pressões da natureza e do meio social. Romances de tensão interiorizada, no qual o herói diferente daquele dos romances de tensão crítica, nesses romances ele não se dispõe a enfrentar a antinomia eu/mundo pela ação: evade-se, subjetivando o conflito. E, por último, romances de tensão transfigurada, em que herói procura ultrapassar o conflito que o constitui existencialmente pela transmutação mítica ou metafísica da realidade.

De acordo com essas quatro tendências de romances descritas acima, *Menino de Engenho* poderia se enquadrar no romance de tensão interiorizada, já que o protagonista Carlinhos está sempre em conflito com ele mesmo e com o mundo, recorre sempre à lembrança dos pais e principalmente da mãe e faz uma análise de si próprio, ressaltando que é um menino triste, sozinho e medroso.

Bosi observa que além do ciclo da cana- de- açúcar, José Lins abordou outros aspectos típicos da vida nordestina como o misticismo e o cangaço, presentes nas obras *Pedra Bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953). A respeito desses temas Bosi argumenta:

A observação do meio regional está no nascedouro do ciclo do misticismo e do cangaço, que abrange *Pedra Bonita* e *Cangaceiros*. Prosseguindo na abertura para a história, o escritor combina formas várias de relato: a lenda, a épica, a crônica(...). Muito provavelmente, José Lins terá extraído o material para o romance da literatura de cordel tão difundida no nordeste desde o século passado. (BOSI, 2006, p. 397).

José Lins do Rego trouxe em suas obras um grande número de personagens, conflitos e dramas de uma decadência social. Segundo Bosi (2006), O romancista soube fundir numa linguagem forte e poética oralidade, as recordações da infância e da adolescência com o registro intenso da vida nordestina colhida por dentro, através dos processos mentais de homens e mulheres que representam a gama étnica e social da região.

2.1 Menino De Engenho e o ciclo da cana- de- açúcar

José Lins do Rego, em dez anos, publicou uma série de cinco romances que chamou de ciclo da cana-de-açúcar: *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *O moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936) e *Fogo Morto* (1943), que relatam a decadência do engenho açucareiro. O próprio José Lins comentou sobre o ciclo:

A história desses livros é bem simples – comecei querendo apenas escrever umas memórias que fossem a de todos os meninos criados nas casas-grandes dos engenhos nordestinos. Seria apenas um pedaço da vida o que eu queria contar. Sucede, porém, que um romancista é muitas vezes o instrumento apenas de forças que se acham escondidas no seu interior. (REGO, 2000a, p.XIII).

Menino de Engenho é considerado o romance inaugural do ciclo da cana- de- açúcar, desenvolvendo situações da vida em um engenho de cana de açúcar, que foram vivenciadas pelo protagonista Carlinhos, que depois que tem sua mãe assassinada, passou toda a infância em meio ao engenho Santa Rosa, o qual, a mãe do garoto sempre falava que era um lugar encantado:

A minha mãe falava-me sempre do engenho como um recanto do céu. E uma negra que ela trouxera como criada, sabia tantas histórias de lá, das moagens, dos banhos de rios, das frutas e dos brinquedos, que me acostumei a imaginar como qualquer coisa de um conto de fadas, de um reino fabuloso. (REGO, 1994, p. 8).

O engenho foi o cenário de todos os acontecimentos da infância e do início da adolescência de Carlinhos, que descreveu detalhadamente como era o engenho:

Depois do café mandaram-me para o engenho, que estava nos fins da moagem. Eram uns restos de cana que aproveitaram [...]. Ficava a fábrica bem perto da casa-grande. Um enorme edifício baixo com quatro biqueiras e um bueiro branco, a boca cortada em diagonal [...]. Minha atenção inteira foi para o mecanismo do engenho. Não reparei em mais nada. Voltei-me inteiro para a máquina, para as duas bolas giratórias do regulador. Depois comecei a ver os picadeiros atulhados de feixes de cana, o pessoal da casa de caldeiras. Tio Juca começou a me mostrar como se fazia o açúcar [...] Andamos depois pela boca a fornalha, pela bagaceira coberta de um bagaço ainda úmido. Mais o que me interessava ali era o maquinismo, o movimento ronceiro a roda grande, e a agitação febril das duas bolas do regulador. (REGO, 1994, p.12 e 13.)

Apesar do engenho Santa Rosa está praticamente falido, Carlinhos ficava encantado com o espaço e tudo que tinha nele; as máquinas, também os rios, os campos e etc.

Segundo Sousa (2011), um dado importante do ciclo é a pertinência de alguns personagens a algumas de suas narrativas como *Menino de engenho*, *Fogo morto*, *Doidinho*, que, segundo o crítico, são sem dúvidas romances acabados, mas que podem ser lidos em conjunto como a grande narrativa do ciclo da cana-de-açúcar. Sendo assim, alguns personagens nascem em *Menino de engenho* como o próprio Carlos de Melo, que aos quatro anos chega ao engenho do avô materno e todos os pensamentos e lembranças estão voltados para o engenho Santa Rosa, e também é protagonista dos romances *Doidinho* e *O moleque Ricardo*, garantindo-se o elo narrativo com os outros dois romances e os demais do ciclo.

Sobre o traço inaugural de *Menino de engenho* para o ciclo da cana-de-açúcar, Bosi observa:

A gênese do ciclo inicial de sua obra, formado por *Menino de engenho*, *Doidinho*, *Banguê*, *O moleque Ricardo* e *Usina*, é, portanto, dupla a memória e a observação, sendo a primeira responsável pela carga afetiva capaz de dinamizar a segunda e dar-lhe aquela críspação que trai o fundo autobiográfico: e, de fato, a leitura de *Meus Verdes Anos*, história veraz da infância do escritor, logo nos faz reconhecer pontos nodais do romance de estréia, *Menino de Engenho*. (BOSI, 2006 p. 398).

Deduzimos, portanto, que *Menino de Engenho* conservou fortes marcas do plano inicial do ciclo da cana-de-açúcar, dando origem ao personagem Carlos de Melo que protagonizou toda a decadência do engenho dentro das cinco obras do ciclo que seguiram a *Menino de Engenho*.

2.1.1 Caracterizando Carlinhos

O personagem, elemento estrutural da narrativa que focalizamos na análise do romance *Menino de Engenho*, é definido como um ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo, em outras palavras, é quem faz a ação. Sendo assim, os personagens se definem pelo que dizem e pelo que fazem. Segundo Gancho (2002), por mais real que pareça, o personagem é sempre uma invenção, mesmo quando se constata que determinados personagens são baseados em pessoas reais.

Os personagens podem ser analisados de acordo com sua classificação. Quanto ao papel desempenhado no enredo o personagem pode ser protagonista, que é o personagem principal, podendo ser herói ou anti-herói e antagonista, ou seja, o personagem que se opõe ao protagonista, seja por sua ação, seja por suas características diretamente opostas, seria o vilão da história.

Ainda em relação a classificação, os personagens podem ser secundários, que são aqueles que são menos importantes na história, isto é, que tem uma participação menor ou menos frequente no enredo.

Quanto à caracterização, Gancho (2002) afirma que os personagens podem ser planos ou redondos.

Personagens planos: São personagens caracterizados com um número pequeno de atributos, que os identifica facilmente perante o leitor, de um modo geral, são personagens poucos complexos. Há dois tipos de personagens planos:

Tipo: É um personagem reconhecido por características típicas, invariáveis de ordem moral, social, econômico, ou de qualquer outra ordem.

Caricatura: É um personagem reconhecido por características fixas e ridículas. Geralmente é uma personagem presente em histórias de humor, como por exemplo as charges.

Já os **Personagens redondos** são mais complexos que os planos, ou seja, apresentam uma variedade maior de características que podem ser classificadas em:

Físicas: Incluem corpo, voz, gestos, roupas.

Psicológicas: Referem-se à personagem e aos estados de espírito.

Sociais: Indicam classe social, profissão, atividades sociais.

Ideológicas: Referem-se ao modo de pensar do personagem, sua filosofia de vida, suas opções políticas, sua religião.

Morais: Implicam em julgamento, isto é, em dizer se o personagem é do bem ou do mal, se é honesto ou desonesto, se é moral ou imoral, de acordo com um determinado ponto de vista.

Cada personagem apresenta características próprias. Diante das classificações acima em relação a este elemento, podemos dizer que o personagem Carlinhos do romance *Menino de Engenho* apresenta características de um personagem protagonista, já que toda a história se desenvolve em torno dele. E, também têm características de um personagem redondo, pois Carlinhos apresenta

uma grande variedade de características. O personagem é um menino triste, melancólico, solitário, medroso, não tem um contato íntimo com a religião, apaixonou-se duas vezes ainda criança, tinha prazer em ver os animais se reproduzirem, sofreu de puxado, iniciou suas atividades sexuais aos doze anos e contraiu doença do mundo, ou seja, evidencia uma variedade de características que nos permite fazer essa classificação.

2.1.2 Tristeza, medo e solidão em Carlinhos

Sabemos que a infância é o ponto de partida do ser humano, é quando começa a formação do nosso caráter, é sem sombra de dúvidas o período em que o homem mais aprende. A infância é a fase em que os acontecimentos influenciam em nosso jeito de ser. A obra *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, nos apresenta a infância de Carlinhos que foi marcada por fatos e resultou em uma criança triste, melancólica e precoce em relação ao amor e ao sexo. Esses fatos tiveram início aos quatro anos de idade, quando sua mãe foi assassinada pelo marido:

Eu tinha uns quatro anos no dia em que minha mãe morreu. Dormia no meu quarto, quando pela manhã acordei com um enorme barulho na casa toda. Eram gritos e gente correndo para todos os cantos. O quarto de dormir de meu pai estava cheio de pessoas que eu não conhecia. Corri para lá e vi minha mãe estendida no chão e meu pai caído em cima dela como um louco. A gente toda que estava ali olhava para o quadro como se estivesse a assistir a um espetáculo. Vi então que minha mãe estava toda banhada em sangue, e corri para beijá-la, quando me pegaram pelo braço com força. (REGO, 1994, p. 03)

A cena descrita acima marca o começo de todos os acontecimentos que viera transformar a vida de Carlinhos. Uma criança que vivia com seu pai e com sua mãe, de repente, se depara com as surpresas da vida. A morte da mãe, segundo o próprio personagem, trouxe uma vida de tormentos, uma saudade imensa e uma melancolia.

A morte da minha mãe me encheu a vida inteira de uma melancolia desesperada. Por que teria sido com ela tão injusto o destino, injusto com uma criatura em que tudo era tão puro? Esta força arbitrária do destino ia fazer de mim um menino meio cético, meio atormentado e de visões ruins (REGO, 1994, p. 5).

Depois da perda da mãe, a saudade e as lembranças, passaram a ser companheira de toda a vida do protagonista, que sempre lembrava do jeito terno e doce da mãe. “Horas inteiras eu fico a pintar o retrato dessa mãe angélica, com as cores que tiro da minha imaginação, e vejo-a assim, ainda tomando conta de mim, dando-me banhos e me vestindo. A minha memória ainda guarda detalhes bem vivos que o tempo não conseguiu destruir ” (REGO, 1994, p. 6). Durante toda a narrativa, Carlinhos sempre recorre a memória.

Depois do trauma sofrido por Carlinhos, ele se tornou um menino solitário, com pensamentos sombrios, que tinha medo do escuro, do silêncio, de lobisomem e principalmente da morte.

Três dias após a tragédia, Carlinhos foi levado para morar no engenho Santa Rosa, com seu avô materno, o coronel José Paulino. Um mundo completamente novo que o personagem foi se adaptando rapidamente:

Com uns dias mais eu já estava senhor de minha vida nova. Tinha chegado para passar tempo no engenho uns meus primos, mais velhos do que eu: dois meninos e uma menina. Agora não era só com os moleques que me acharia. Meus dois primos, bem afoitos, sabiam nadar, montar a cavalo no osso, comiam tudo e nada lhes fazia mal. Com eles eu fui aos banhos proibidos, os de meio-dia, com a água do poço escaldando. E então nós ficávamos com a cabeça no sol, enxugando os cabelos, para que ninguém percebesse nossas violações (REGO, 1994, p. 13).

O fragmento parece sugerir que a partir de agora a vida de Carlinhos iria se reconstituir e o trauma da morte da mãe seria superado. Mas, não é que acontece, conforme demonstraremos a seguir.

A prima que chegou no engenho junto com os dois meninos se chamava Lili. Uma menina com quem Carlinhos foi criando afinidade e aos poucos se tornaram grandes amigos. “Não sei por que, fui criando a esta criaturinha uma amizade constante. Gostava de ficar com ela, na companhia de suas bonecas. E um preá-da-índia que me deram, eu lhe ofereci de presente” (REGO, 1994, p. 16). A menina também era muito terna com Carlinhos.

Lili era doente e um certo dia amanheceu vomitando e com febre. Carlinhos foi visitá-la no quarto, mas ficou por pouco tempo porque o retiraram, e o personagem não iria ter mais chance de ver e brincar com a prima, pois ela viera a falecer:

No outro dia, quando acordei, minha priminha tinha morrido. Lembro-me do seu caixão branquinho, cheio de rosas, e da tia Maria chorando o dia inteiro. Ainda hoje, quando encontro enterro de crianças, é pela minha prima Lili que me chegam lágrimas ao olhos (REGO, 1994, p. 16).

A morte, outra vez se faz presente na vida do personagem, e outra pessoa, que Carlinhos gostava, fora embora para sempre, deixando-o com bastante medo:

Tinha um medo doentio da morte. Aquilo da gente apodrecer debaixo da terra, ser comido pelos tapirus, me parecia incompreensível. Todo o mundo tinha que morrer. As negras diziam que alguns ficavam para semente. Eu me desejava entre estes felizardos. Por que não podia ficar para semente? Dentro de um navio, enquanto o mundo todo se acabasse. (REGO, 1994, p. 67).

De acordo com Kovács (2008), o medo da morte é universal na condição humana. A pesquisadora ainda ressalta que é na infância que se inicia a manifestação desse medo, quando a criança gradativamente em seu desenvolvimento, entra em contato com a morte. Carlinhos começou a ter contato com a morte aos quatro anos de idade, quando perdeu sua mãe, e, em seguida, quando sua prima Lili morreu.

Após a morte da prima, tia Maria, redobrou os cuidados com Carlinhos, sem deixá-lo sair para brincar com os primos. Tentou ensiná-lo as letras, porém, sem êxito. “Os meus ouvidos e os meus olhos só sabiam ouvir e ver o que andava pelo terreiro. E as letras não me entravam pela cabeça” (REGO, 1994, p.17).

Agora, Carlinhos, iria aprender as primeiras letras com o Dr. Figueiredo, que viera da capital passar tempos na vila do Pilar. O mestre Figueiredo era casado com uma mulher, que, segundo o personagem era muito carinhosa com ele:

Tinha o meu mestre uma mulher morena e bonita, que me beijava todas as vezes que eu chegava, que me fazia as vontades: chamava-se Judite. Gostava dela diferente do que sentia pela minha tia Maria. Ela sempre que me ensinava as letras debruçava-se por cima de mim. E os seus abraços e os seus beijos eram os mais quentes que já tinha recebido. (REGO, 1994, p. 32).

Carlinhos teria se apaixonado pela Judite, Já que sentia algo estranho por ela? Será que o amor entraria na vida do personagem tão cedo?

Apesar de Carlinhos viver acompanhado pelos primos e pelos moleques do engenho, ele nunca esqueceu a mãe e o pai também, mesmo esse tendo cometido um crime. Na verdade o personagem tinha pena do pai, pois descobrira que era um

homem nervoso, tinha um temperamento excitado, e quem a vida também fora amarga:

A sua historia, que mais tarde conheci, era a de um arrebatado pelas paixões, a de um coração sensível demais ás sua mágoas. Coitado do meu pai! Parece que o vejo quando saía e casa com os soldados, no dia de seu crime. Que ar de desespero ele levava, no rosto de moço! E o abraço doloroso que me deu nessa ocasião! Vim a compreender, com o tempo, porque deixara levar ao desespero. O amor que tinha pela mulher era o amor de um louco. O seu lugar não era no presídio para onde o levaram (REGO, 1994, p. 5).

Percebemos que a cena presenciada por Carlinhos aos quatro anos marca profundamente a infância do menino, que mesmo em meio a outras crianças, sempre lembrava com tristeza e com um tom de saudade dos seus pais. A tristeza sempre falava mais alto e Carlinhos se sentia só, ficava horas em silêncio com seus pensamentos sombrios:

Era um menino triste. Gostava de saltar com os meus primos e fazer tudo que eles faziam. Metia-me com os moleques por toda parte. Mas, no fundo, era um menino triste. Às vezes dava para pensar comigo mesmo, e solitário andava por debaixo das árvores da horta, ouvindo sozinho a cantoria dos pássaros (REGO, 1994, p. 66).

O protagonista também se tornou um menino medroso e atormentado por visões ruins. Em uma certa ocasião, estava morrendo no engenho um trabalhador, e levaram Carlinhos para vê-lo em sua ânsia de morte. Depois de ter visto o homem morrendo o personagem não conseguia mais dormir sozinho, tinha medo do escuro, e começou a ter visões ruins. “O homem do engenho não me deixava sozinho no escuro. Era ele que eu via quando se apagava a luz para dormir. E só podia dormir com uma pessoa junto de mim. Fiquei um menino medroso” (REGO, 1994, p. 68).

Para aumentar a angustia e solidão de Carlinhos, quando estava maior, começou a sofrer de puxado e ficou sem poder sair do quarto, sem brincar, não comia frutas, não podia brincar no terreiro. Só podia sair no final de tarde e não podia levar sereno à noite. Dias e noites, trancado, sozinho:

As noites pareciam-me uma eternidade. Ficava acordado na ânsia miserável do acesso, horas seguidas, de olhos fechados, com o meu medo do escuro [...], Essas noites de puxado envelheciam a minha meninice, mas obrigavam os meus olhos cansados da escuridão a esperarem extasiados as madrugadas. Quando o sol se abria, chegavam as réstias no meu quarto. Havia mesmo uma em cima de minha cama, bem redonda, junto dos meus travesseiros. Botava as mãos para lhe sentir a quentura, via as nuvens passando por ela às carreiras ou devagar. Devagarinho lá iam deixando o meu leito de doente; faziam apenas uma visita ao enfermo, e já estavam com a metade pela barra da cama, e caíam no chão, onde se iam arrastar o dia inteiro. (REGO, 1994, p. 82).

É possível perceber, em todas as falas do personagem, a riqueza de detalhes de cada momento de angústia, medo, saudade, tristeza, vividos por Carlinhos, que após ter adoecido de puxado, ficava a semana inteira no quarto e aos domingos ia para o quarto do tio Juca, para ouvir-lhe suas histórias, ver os livros de gravuras e os álbuns de fotografias. Entre os livros, tio Juca guardava um pacote embrulhado ao qual proibiu Carlinhos de olhar. Num certo dia, o garoto ficou sozinho e não se aguentou de tanta curiosidade; abriu o pacote para observar de que se tratava. Vejamos o que Carlinhos encontrou.

Num dia em que ele me deixou sozinho, corri sôfrego para o objeto de proibição; uma coleção de mulheres nuas, de postais em todas as posições da obscenidade. Não sei para que meu tio guardava aquela nojenta exposição de porcarias. Sempre que sucedia ficar sem ele no quarto, era para os postais imundos que me botava. Sentia uma atração irresistível por aquelas figuras descaradas de meu tio Juca. (REGO, 1994, p. 83).

Percebemos, diante da citação acima, que Carlinhos, apesar de ser criança, já presenciava um mundo considerado proibido para ele, as imagens de mulheres nuas, que começaram a atrair o personagem, e sempre que ficava só, lembrava dos postais. Um certo dia, tio Juca descobriu e não o deixou mais entrar no quarto, e o protagonista começou a sentir falta daquele objeto proibido. “Mas ficava-me de seus aposentos uma saudade ruim daquelas mulheres e daqueles homens indecentes” (REGO, 1994, p. 83).

Não teria sido a primeira vez que Carlinhos presenciava imagens dessa natureza. Ele teve um outro mestre, que se chamava Zé Guedes e ensinava-lhe as letras de um jeito bem diferente:

O outro mestre que eu tive foi o Zé Guedes, meu professor de muita coisa ruim. levava-me a trazia-me todos os dias. E na meia hora que ficava com ele, de ida e volta, aprendi coisas mais fáceis de aprender que a tabuada e as letras. Contavam-me tudo que era história de amor, sua e dos outros. (REGO, 1994, p. 34).

Zé Guedes contava-lhe em todos os detalhes as coisas erradas das mulheres que viviam por lá e de doenças-do-mundo. E Carlinhos além de conhecer o lado teórico das coisas erradas, tinha bem perto uma demonstração, o que Zé Guedes contava-lhe dele com as negras, os touros e as vacas faziam o personagem entrar pelo entendimento. Pois, Carlinhos e os primos, ficavam horas no cercado dos engenhos, observando a reprodução dos animais. Com tudo que via e ouvia, o protagonista foi tendo então, um conhecimento precoce em relação ao sexo. “ A promiscuidade selvagem do curral arrastava a nossa infância às experiências de prazeres que não tínhamos idade de gozar” (REGO, 1994, p. 35).

Tinha chegado no engenho, para passar uns tempos, umas parentas de Carlinhos que vieram do Recife. Dentre elas, estava Maria Clara, que era um pouco mais velha que ele, e seu coração de menino se apaixonou, já que segundo o próprio Carlinhos, sua primeira paixão, teria sido pela Judite. Dessa vez essa paixão foi mais forte. “A minha primeira paixão tinha sido pela Judite, que me ensinara as letras em seu colo. O meu coração de oito anos agora se arrebatava com mais violência” (REGO, 1994, p. 92).

Carlinhos se tornou muito amigo de Maria Clara. Andavam sempre juntos pelos cajueiros, faziam piqueniques e conversavam muito. No meio desses passeios, Carlinhos a beija. Agora sim, a paixão do personagem fora correspondida, pois eles se tornaram namorados. Porém, por pouco tempo, Maria Clara voltou para o Recife e Carlinhos ficou muito triste.

Acordei-me, porém com a primeira angustia de minha vida [...]. senti nesse meu despertar de namorado um vazio doloroso no coração. Tinha perdido a minha companheira dos cajueiros. E chorei ali entre os meus lençóis lágrimas que o amor faria ainda muito correr dos meus olhos. (REGO, 1993, p. 97).

Percebemos que novamente Carlinhos sofre uma perda. Não por morte, mas, Maria Clara foi embora e deixou saudade no personagem, que ainda criança, já sentira as tristezas de um final de relacionamento.

Veio um médico ao engenho, para examinar Carlinhos. E deu o diagnóstico que o menino precisaria de um tratamento rigoroso com uma série de injeções. Mas uma vez, o personagem foi restrito dos passeios, das brincadeiras com os primos. Só podia sair no final de tarde e não podia levar sereno. Fazendo com que sua solidão aumentasse.“ isso aumentava o meu desengano, as minhas confianças em mim mesmo” (REGO, 1994, p.99).

Apesar de Carlinhos viver em meio as plantações, as paisagens do engenho, ele vivia por meio de limitações que roubavam-lhe sua infância e davam espaço aos pensamentos ruins e aos medos que acompanhavam sua vida.

Os meus pensamentos vinham assim de fontes envenenadas de pessimismo. Menino, e pingando em cima da minha infância este ácido corrosivo que me secava a alegria de viver. E os meus parentes ainda mais me sacrificando, em vez de me deixarem no contato inocente com os meus pequenos prazeres. O diabo daquele doutor me fechara num inferno, ali, a dois passos de um paraíso de portas abertas. (REGO, 1994, p. 101).

Os anos se passavam. Carlinhos crescia, e junto com ele crescia seu desejo sexual. Normalmente os desejos e prazeres da maioria das crianças são as brincadeiras e os brinquedos. Com o personagem é diferente, seus prazeres eram observar as vacas se reproduzindo com os zebus. “Os meus impulsos tinham mais anos que minha idade. O sexo crescia em mim mais depressa que minhas pernas” (REGO, 1994, p.102).

O personagem teve uma grande influência da negra Luíza, que diferentemente das outras negras do engenho que o respeitava, essa seria uma espécie de anjo mau de sua infância. “A negra Luíza fizera-se de comparsa das minhas depravações antecipadas”.

De acordo com a narrativa do personagem percebemos que as palavras tristeza, medo e solidão são usadas várias vezes por Carlinhos. Talvez isso represente a infância do protagonista, a melancolia, a tristeza, a solidão, estariam diretamente relacionadas ao que ele vivia. Também em nenhuma fala do personagem, identificamos as palavras Deus e fé, pois Carlinhos crescia com quase nenhum contato com a religião.

E nada de Deus dentro por dentro de mim. Era indiferente aos castigos do céu. Os lobisomens faziam-me mais medo. A minha religião não conhecia os pecados e as penitências. O pavor do inferno, eu confundia com os castigos dos contos de trancoso. Tudo entrava por uma perna de pinto e saía por uma perna de pato. Ia para a cama sem um pelo-sinal e acordava sem uma ave-maria. O meu são Luís Gonzaga devia olhar com nojo para seu irmão afundado na lama (REGO, 1994, p.119).

Diante da fala de Carlinhos, é possível concluir que apesar dele viver algumas antecipações em sua vida com relação ao amor e ao sexo, a religião, que muitas vezes, as crianças aprendem ao menos o pai nosso desde pequenas, o personagem não tinha esse costume, e também em nenhum momento da narrativa percebemos Carlinhos conversando com Deus, nem para pedir, reclamar ou para agradecer algo.

Apesar de toda melancolia de Carlinhos, ainda lhe restava o amor e os carinhos de sua tia Maria. Porém, ela estava prestes a casar. O protagonista perderia agora, sua segunda mãe e, por extensão, seus carinhos, seus beijos:

Fui dormir. Minha Tia Maria me beijou chorando. E de manhã, quando me acordei, ainda a música tocava para a dança. Os noivos iriam no cabriolé do seu Lula. Já estavam preparados para a partida. Maria menina dava os seus adeuses com os olhos correndo lágrimas. Abraçava as negras, que soluçavam de pena. E me beijou, me abraçou não sei quantas vezes, enquanto eu chorava num pranto desesperado. O cabriolé saía tinindo as campainhas de seus arreios. E pela estrada molhada das chuvas de fim de junho, lá se fora a segunda mãe que eu perdia (REGO, 1993, p. 108).

Depois do casamento da tia, o protagonista começou a se preparar para ir para o colégio, para que não sofresse tanto com a ausência dela. “Comecei então a desviar minhas lágrimas, pensando no tempo de colégio que viria. Não ia para ali com medo. Pelo contrário: vivia a desejar o dia de minha partida” (REGO, 1993, p. 109).

Mesmo estando se preparando para ir embora do engenho, Carlinhos viveria momentos que transformariam de vez sua infância. Agora mais crescido, com doze anos, o personagem tornou-se um menino cheio de vícios e vontades maliciosas em relação ao sexo. E seus desejos sexuais foram concretizados, pois Carlinhos começou a se interessar por Zefa Cajá, que era a negra mais conhecida entre os homens do engenho. De início, ela não deu muita atenção ao menino e mandou ele ir se criar. Mas, Carlinhos insistia, como um homem que tenta conquistar a mulher amada. E, depois de tantas tentativas, Zefa Cajá cede aos desejos do personagem:

“ Ela me acariciava com uma voracidade animal de amor: dizia que eu tinha gosto de leite na boca e me queria comer como uma fruta de vez” (REGO, 1994, p.115).

Carlinhos não saía mais da casa de Zefa Cajá. E foi com ela que ele teve sua primeira relação sexual. “tinha uns doze anos quando conheci uma mulher como homem”. Mas, o menino que se tornara um homem, teria que pagar seu tributo antecipado ao amor. Aos dozes anos, contraiu doença sexualmente transmissível. Começou a sentir muitas dores e escondeu por alguns dias das pessoas da casa grande. Mesmo assim, foi descoberto e foi um escândalo:

-Daquele tamanho, e com gálico!
Botaram Zefa Cajá na cadeia , e eu, desconfiado, com vergonha de olhar o povo. Fiquei um caso de todos os comentários, e risadas. O meu Tio Juca tomou conta do tratamento. Onde eu chegava, lá vinham com indiretas:
-Menino danado! (REGO, 1994, p. 116).

Apesar do escândalo da descoberta, Carlinhos começou a se envaidecer com sua doença. Os senhores de engenho davam-lhe confiança em suas conversas como se o menino fosse um homem experiente.

O Tio Juca começou a cuidar da doença de Carlinhos. Levava-o para os banhos para o tratamento rigoroso de seringa, dava-lhe frescos de pega-pinto em jejum, chá de urinana de manhã à noite. Após um mês, o menino já estava pronto para ir para o colégio. Agora, ele não era mais visto como uma criança órfã, faziam -lhe de homem. “A doença-do-mundo me operava uma transformação. Via-me mais alguma coisa que um menino; e mesmo já me olhavam diferente. Já não tinha para mim as condescendências que se reservam às crianças. As negras faziam-me de homem” (REGO, 1994, p. 117). As negras, não paravam mais as conversas quando ele chegava, tomava banho sem roupas junto com elas. Os moradores do engenho não tratavam-lhe mais como uma criança inocente.

Agora o engenho oferecia-me o amor por toda a parte: na senzala, na beira do rio, nas casas de palha. Os moleques levavam-me para as visitas por debaixo dos matos, esperando a vez de cada um. Na casa-grande os homens achavam graça de tanta libertinagem.
-Menino vadio! Só pai-de-chiqueiro! (REGO, 1994, p.117).

Essa sexualidade precoce transformara a vida de Carlinhos, e tornou-lhe um menino totalmente diferente daquele que chegou no engenho com quatro anos. O que não mudou em todos esses anos na vida do personagem, foi a tristeza e a solidão.

Chegava a hora de Carlinhos ir para o colégio. Outra vida começaria para o personagem, agora, sem os pais e também longe do engenho onde passou toda infância. “E uma saudade antecipada do engenho me pegou em cima da cama. vieram-me acordar. Há tempo que eu estava de olhos abertos na companhia de meus pensamentos. Uma outra vida ia começar para mim” (REGO, 1994, p. 119).

E assim Carlinhos seguiu a vida, marcada por paixões, tristezas e solidão de um menino que o destino fora cruel ao deixar sem os pais e ter perdido a mãe de uma maneira tão triste. Entraria no colégio, na tentativa de recuperar aquela criança que se perdera em meio a tanta melancolia.

Levava para o colégio um corpo sacudido pelas paixões de homem feito e uma alma mais velha do que o meu corpo. Aquele Sérgio, de Raul Pompéia, entrava no internato de cabelos grandes e com uma alma de anjo cheirando a virgindade. Eu não: era sabendo de tudo, era adiantado nos anos, que ia atravessar as portas do meu colégio. Menino perdido, menino de engenho.(REGO, 1994, P.122)

Não podemos afirmar categoricamente que tudo que aconteceu com Carlinhos durante sua infância, foi consequência da morte de sua mãe. Pois, não sabemos se a infância do personagem teria sido diferente se a mãe não tivesse morrido. Mas, analisando a fala do narrador que é o protagonista, essa seria uma possibilidade. Sabemos que a morte de um parente e principalmente a mãe, podem causar traumas na criança e podem ser levados para vida toda. Desde a tragédia, foram poucos os momentos de felicidade do personagem, que não conseguia esconder a saudade e falta dos pais. A ausência do carinho, a falta de conselhos e cuidados maternos poderiam ter causado toda essa melancolia e tristeza em Carlinhos.

3 CONCLUSÃO

A leitura minuciosa do personagem Carlinhos, protagonista do romance *Menino de Engenho*, nos possibilita dizer que em toda a narrativa ele se mostra um menino frágil, medroso, triste e solitário. A descrição do enredo permite observar e identificar o que faz dele um personagem denso e redondo. Tal caracterização aponta a inteira relação entre o enredo e o personagem, elementos da narrativa de José Lins que não podem ser analisados de maneira dissociada.

Temos plena consciência de que os aspectos focalizados com a realização desse estudo não constitui uma novidade diante de vários estudos desenvolvidos em torno do escritor paraibano, mas o estabelecimento do objetivo nos possibilitou a elaboração desse artigo a partir da leitura do romance *Menino de Engenho*, o qual, ao nosso ver, parece ter sido atingido, na medida em que traçamos através da análise, um perfil do protagonista. Sendo assim, estabelecemos um caminho de leitura para a obra e os resultados a que esse planejamento nos possibilitou atingir dão conta da contribuição que a elaboração desse trabalho nos proporcionou.

STATE OF THE CHARACTER IN THE WORK CARLINHOS "BOY MILL" JOSEPH LINS DO REGO

ABSTRACT

The novel *Menino de engenho* (1932) of José Lins do Rego, is considered one of the representative works that start the cycle of cane sugar in the work of Paraíba writer, whose literary output is fundamental in the case of Brazilian regionalist novels. The Reading of *Menino de engenho* on a component of the College of Letters, has attracted interest for conducting a study of this work, looking more closely observe the construction of the protagonist of the novel. We aimed, therefore, to analyze the novel, pausing in the characterization of Carlinhos, who can be appointed as a character full of conflicts and marked by losses experienced since childhood, which transforms it into a sad and melancholy boy. For development work, were of fundamental importance to the contribution of authors Bosi (2006), Castello (2001), Kovács (2008), Gancho (2002), among others.

Keywords: Sadness; character; childhood.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix 2006.

CASTELLO, José Aderaldo. **José Lins do Rego: Nordeste e Modernismo**. João Pessoa: Editora universitária (UFPB), 2001.

GANCHO, Cândia Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 2002.

KOVACS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: casa do psicólogo, 2008.

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

REGO, José Lins do. **Nota à primeira edição**. In: Usina. 14 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000c.

SOUSA, Elri Bandeira. **Engenhos e personagens da mega- narrativa de Lins do Rego**. Campina Grande: Bagagem, 2011.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Lins_do_Rego